

A MINHA VOZ ALHEIA:

algumas reflexões basilares sobre as ideias do Círculo de Bakhtin

Leonardo Mozdzenski*

Resumo: Neste ensaio, pretendo refletir sobre algumas das principais ideias propostas pelo chamado Círculo de Bakhtin. Para tanto, irei apresentar e discutir noções fundamentais à compreensão do pensamento bakhtiniano, cuja influência e importância são inegáveis nos dias de hoje para os estudos linguísticos. Inicialmente, ao concentrar a atenção nas definições de língua e linguagem, exponho as características das duas grandes concepções teóricas vigentes à época, aqui sistematicamente criticadas: o subjetivismo idealista e o objetivismo abstrato. A linguagem, para os estudiosos do Círculo, deve ser concebida não como expressão do pensamento individual ou como um sistema associativo, e sim como processo de interação entre sujeitos situados sócio-historicamente. Em seguida, irei recorrer à noção bakhtiniana de dialogismo, evidenciando que, em enunciações vivas, concretas, do nosso cotidiano, é impossível a produção de um discurso que não dialogue com outros discursos precedentes ou vindouros. Nesse cenário, também enfatizo a tensão de vozes sociais dialógicas representada pelas forças centrípetas e as forças centrífugas da linguagem. Por fim, irei discorrer acerca da abordagem bakhtiniana dos gêneros do discurso, compreendidos como modos sociais de agir e de dizer construídos sócio-historicamente.

Palavras-chave: Círculo de Bakhtin; dialogismo; gêneros do discurso.

Abstract: In this essay, I intend to reflect on some of the main ideas proposed by the so-called Bakhtin Circle. In order to do so, I will present and discuss some fundamental notions to understand the Bakhtinian thought, whose influence and importance are nowadays undeniable for linguistic studies. Initially, by focusing on the definitions of language, I show the characteristics of two great theoretical conceptions, systematically criticized here: the idealistic subjectivism and the abstract objectivism. Language, for the scholars of the Circle, must be conceived not as expression of the individual thought or as a non-social system, but as a process of interaction among sociohistorical situated citizens. After that, I will examine the Bakhtinian notion of dialogism, evidencing that, in our daily live and concrete enunciations, the production of a discourse that does not dialogue with other preceding or coming discourses is impossible. In this scenery, I also emphasize the tension of dialogic social voices represented by the centripetal forces and the centrifugal forces of language. Finally, I will consider the Bakhtinian approach to genres, comprehended here as social ways of acting and speaking that are sociohistorically constructed.

Keywords: Bakhtin Circle; dialogism; genres.

1. Minhas palavras (alheias) iniciais

“Nós vivemos nos entregando.”

Montaigne

* Pós-graduando em Linguística do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco.

A célebre passagem de Michel de Montaigne¹ transcrita acima não foi evidentemente escolhida ao acaso. Ela servirá, na verdade, de mote para introduzirmos uma série de reflexões basilares acerca de algumas das principais ideias desenvolvidas pelo chamado Círculo de Bakhtin. Logo de início, a citação chama a nossa atenção para a importância do papel desempenhado pelo discurso do outro em nosso discurso. Afinal, como salienta Cunha (2009), o discurso de outrem não apenas permeia linguagem, mas é uma das chaves para a sua compreensão.

É nesse sentido que este ensaio encontra-se ancorado na perspectiva de que a *interação verbal* constitui a realidade fundamental da língua, nos termos de Bakhtin e Voloshinov (2004, p. 123). Mas como se dá efetivamente esse fenômeno? Que noções de língua e linguagem, dialogismo e gêneros do discurso permeiam a proposta bakhtiniana? De que maneira outros conceitos criados ou articulados por Bakhtin e Voloshinov – como os de enunciado e enunciação, de forças centrípetas e centrífugas da língua – são operacionalizados nesse construto teórico? Essas são algumas das ideias sobre as quais pretendo refletir ao longo deste trabalho.

Contudo, antes de desenvolvermos esses assuntos, é fundamental levantarmos uma importante questão acerca do que será discutido aqui e como se dará essa discussão. Tal como asseveram Ribeiro e Sacramento (2010, p. 12), apesar dos primorosos estudos brasileiros que vêm se debruçando sobre o pensamento de Bakhtin – muitos deles, inclusive, citados ao longo deste ensaio –, “é possível constatar, no entanto, que há [...] uma crescente banalização dos conceitos bakhtinianos em artigos, dissertações e teses que tentam aplicá-los na análise dos mais variados objetos”. Para os autores, em vários desses trabalhos, parte-se do pressuposto de que noções como dialogismo e gênero discursivo já estão cristalizadas no meio acadêmico e são “autoexplicativas”, não sendo merecedoras, portanto, de maiores reflexões teóricas críticas. Como resultado, proliferam pesquisas com uma apropriação imprecisa e superficial do arcabouço bakhtiniano.

Percebendo essa deficiência epistemológica e sensibilizado pelas (compreensíveis) dificuldades enfrentadas por leitores iniciantes da obra bakhtiniana, proponho aqui retomar e debater alguns dos conceitos fundamentais à compreensão das ideias do Círculo de Bakhtin. Sempre que julgar oportuno, também farei citações e indicações de reconhecidos pesquisadores brasileiros e estrangeiros para os que se interessarem em aprofundar suas

¹ Do original em francês, “nous ne faisons que nous entregloser” (citado por Cunha, 1999:46).

leituras. Iniciaremos este ensaio com uma apresentação contextualizando biograficamente Bakhtin e o seu Círculo.²

Mikhail Mikhailovitch Bakhtin (1895-1975) é, sem dúvida alguma, uma das mais importantes e influentes personalidades do século XX. Autointitulando-se “filósofo” e “pensador” (cf. BAKHTIN E DUVAKIN, 2008, p. 45), Bakhtin foi um verdadeiro intelectual *avant la lettre* propondo, “em termos premonitórios, um programa completo de estudos para a linguística, ao criticar as teorias do início do século [XX]” (CUNHA, 1997, p. 303). Sua obra, no entanto, embora admirável e vanguardista, revela-se bastante complexa e, não raro, de árdua leitura.

Essa dificuldade, segundo Fiorin (2006), se deve a fatores dos mais diversos: Bakhtin não teve a pretensão de produzir uma obra didática, pronta para aplicação na sala de aula. Muitos dos seus textos são inacabados, marcados por uma heterogeneidade temática e conceitual. Há problemas também quanto à forma de edição e publicação das obras: trabalhos que são atribuídos a Bakhtin, mas que foram publicados em nome de outros autores; trabalhos só divulgados postumamente; a tradução e a publicação das obras de Bakhtin no ocidente não ocorreram na ordem em que foram escritas; entre outros fatores. Essas dificuldades, entretanto, não obstaculizaram a poderosa influência que o pensamento bakhtiniano exerce hoje em dia nos mais diversos campos: na Linguística, na Análise do Discurso, na Teoria Literária, na Psicologia, nas Ciências Sociais, etc.

De acordo com Ponzio (2008), essa heterogeneidade de áreas do conhecimento já estava presente no diversificado perfil dos próprios participantes do chamado Círculo de Bakhtin. Nos anos 1920, pensadores com as mais diversas formações e interesses – tais como Valentin N. Voloshinov (poeta, crítico musical, teórico da literatura e filósofo da linguagem), Pavel N. Medvedev (teórico da literatura e professor universitário), Sollertinski (musicólogo e estudioso de teatro), Lev V. Pumpianski (filólogo e historiador da cultura), entre outros – reuniam-se frequentemente com Mikhail Bakhtin para discutir os mais variados assuntos. Ainda segundo Ponzio (2008, p. 20), os trabalhos de Bakhtin

entrelaçam-se com aqueles dos seus amigos do “Círculo de Bakhtin”, ao ponto de não se conseguir distinguir nitidamente desses, quase a confirmar a sua tese do caráter “semi-outro” da “palavra-própria” e a despeito dos críticos se arrisquem em estabelecer propriedade e paternidade. A questão do pertencimento passa em segundo plano também em consideração ao fato de que, justamente nesses textos, vem teorizado o *caráter dialógico*, a natureza comum da palavra e, como expressamente coloca-se em Volochinov 1929, o conceito de “paternidade verbal”

² Para uma biografia mais detalhada de Bakhtin, v. Clark e Holquist (2004).

ou “propriedade privada da palavra” são conceitos (*sic*) muito relativos e, em certos casos, mistificantes. (Grifo nosso)

De que forma, então, podemos compreender esse caráter dialógico da enunciação na teoria bakhtiniana? Antes de tudo, devemos partir da premissa, juntamente com Cunha (2006, p. 118-119), de que “*todo discurso é produto do evento histórico, único, que é sua enunciação, a qual é determinada pelo contexto social mais amplo e pela situação espaço-temporal imediata, que supõem locutores e interlocutores, a relação social entre eles, o propósito discursivo*” (grifos do autor). Para conseguirmos entender com maior precisão como se dá esse processo do funcionamento da linguagem viva, devemos primeiramente discutir alguns conceitos fundamentais à perspectiva bakhtiniana. Esse é o nosso próximo passo.

2. Língua e linguagem

Dentro das propostas do Círculo de Bakhtin, a discussão acerca da distinção entre língua e linguagem passa inicialmente por uma crítica sistemática às duas principais tendências teóricas que, no início do século XX, se propunham a definir a linguagem como objeto de estudo específico: o *subjetivismo idealista* e o *objetivismo abstrato*.

Em *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (BAKHTIN E VOLOSHINOV, 2004), a diferença entre essas duas orientações é quase que exaustivamente analisada. Objetivando sistematizar essa discussão, apresento no Quadro 1 abaixo as conclusões a que chegaram Bakhtin e Voloshinov:

QUADRO 1. ORIENTAÇÕES TEÓRICAS PARA O ESTUDO DA LINGUAGEM NO INÍCIO DO SÉCULO XX (cf. BAKHTIN E VOLOSHINOV, 2004)	
SUBJETIVISMO IDEALISTA	OBJETIVISMO ABSTRATO
O psiquismo individual constitui a fonte da língua, portanto as leis da criação linguística são as leis da psicologia individual. O fenômeno linguístico fica reduzido a um ato significativo de criação individual.	O centro organizador de todos os fatos da língua situa-se no sistema linguístico, isto é, no sistema das formas fonéticas, gramaticais e lexicais da língua. As leis que governam esse sistema interno da língua são puramente imanentes, arbitrárias e específicas.
A passagem de uma forma histórica a outra se efetua essencialmente nos limites da consciência individual.	O indivíduo recebe da comunidade linguística um sistema já constituído, e qualquer mudança no interior deste sistema ultrapassa os limites de sua consciência individual. Há um fosso que separa a história do sistema linguístico em razão da abordagem não histórica, sincrônica.
A língua é uma atividade, um processo criativo	A língua é um sistema estável, imutável, de formas

QUADRO 1. ORIENTAÇÕES TEÓRICAS PARA O ESTUDO DA LINGUAGEM NO INÍCIO DO SÉCULO XX (cf. BAKHTIN E VOLOSHINOV, 2004)	
SUBJETIVISMO IDEALISTA	OBJETIVISMO ABSTRATO
ininterrupto de construção (“energia”), que se materializa sob a forma de atos individuais de fala.	linguísticas submetidas a uma norma fornecida tal qual à consciência individual e peremptória para esta.
As leis da criação linguística são essencialmente as leis da psicologia individual.	As leis da língua são essencialmente leis linguísticas específicas, que estabelecem ligações entre os signos linguísticos no interior de um sistema fechado.
A criação linguística é uma criação significativa, análoga à criação artística.	As ligações linguísticas específicas nada têm a ver com valores ideológicos (artísticos, cognitivos, etc.). Entre a palavra e seu sentido não existe um vínculo natural e compreensível para a consciência.
A língua, enquanto produto acabado (“ergon”), enquanto sistema estável (léxico, gramática, fonética), apresenta-se como um depósito inerte, tal como a lava fria da criação linguística, abstratamente construída pelos linguistas com vistas à sua aquisição prática como instrumento pronto para ser usado.	Os atos individuais de fala constituem, do ponto de vista da língua, simples refrações ou variações fortuitas ou mesmo deformações das formas normativas. Entre o sistema da língua e sua história não existe nem vínculo nem afinidade de motivos – eles são estranhos entre si.

A crítica realizada por Bakhtin e Voloshinov (2004) à primeira tendência concentra-se no fato de que a língua se apresenta como um ato puramente individual, uma enunciação monológica, deixando de levar em consideração seu caráter eminentemente social. Os que seguem essa orientação defendem a pureza do pensamento interior, considerando a sua expressão externa (enunciação, ato de fala) como mera deformação do conteúdo mental interno.

Consoante Bakhtin e Voloshinov (2004), tanto o conteúdo interior a exprimir quanto a sua objetivação externa são constituídos a partir de um único material semiótico, uma vez que não há pensamento sem expressão semiótica. Ademais, a situação social mais imediata e o meio social mais amplo é que estabelecem, a partir do seu próprio interior, a estrutura da enunciação. Na medida em que a palavra dirige-se sempre a um interlocutor (real ou virtual), é necessário considerar o *horizonte social* definido que circunscreve a criação ideológica do grupo social e da época em que os interlocutores estão inseridos – algo ignorado ou subestimado por essa primeira orientação de estudo da língua.

Já a crítica à segunda tendência recai especialmente sobre o estruturalismo saussuriano. Para Bakhtin e Voloshinov (2004), a língua, enquanto sistema de formas regido por uma norma, não passa de mera abstração. A consciência linguística dos interlocutores, na prática viva da língua, em nada se assemelha a um sistema abstrato de estruturas normativas. Antes, aproxima-se da linguagem enquanto contextos possíveis de uso real de cada forma

particular. A palavra viva está sempre saturada de um conteúdo ou de um sentido ideológico, não se apresentando, pois, para um falante nativo, como um verbete do dicionário.

Em seu cotidiano, o falante utiliza a linguagem para atender aos seus propósitos concretos de comunicação, às suas necessidades enunciativas imediatas. Nessas situações reais de conversação, não importa para o falante a forma linguística como sinal estável, imutável, submetido às leis da língua. E sim, compreender e ser compreendido em um contexto preciso em que a interação está ocorrendo.

Nessa perspectiva bakhtiniana enunciativa, portanto, deixa-se de focar a *língua* – definida como um sistema de normas estáveis, apartada do seu contexto de produção – e passa-se a considerar a *linguagem* como real objeto de estudo. A linguagem é aqui concebida como processo de interação entre sujeitos situados sócio-historicamente. Desse modo, como assevera Cunha (2003), a linguagem só pode ser compreendida através de seus elementos constitutivos: os participantes, o lugar, o tempo, os propósitos comunicativos e as diversas semiologias (verbais e não-verbais) que participam da construção do sentido de um discurso produzido numa situação de enunciação única.

Vale ressaltar ainda que, ao discorrerem mais detidamente sobre o processo de formação e desenvolvimento da linguagem, Voloshinov e Bakhtin (1993) sustentam que a linguagem não é um dom divino nem um presente da natureza. É, antes de tudo, produto da atividade humana coletiva, refletindo, em todos os seus elementos, a organização tanto econômica quanto sociopolítica da sociedade que a produziu. Para os autores, a comunicação verbal sempre esteve intrinsecamente relacionada às situações reais da vida e às ações concretas do homem.

Ademais, a natureza eminentemente pluridiscursiva da linguagem também é enfatizada por Bakhtin (1993, p. 98):

(...) em cada momento da sua existência histórica, a linguagem é grandemente pluridiscursiva. Deve-se isso à coexistência de contradições sócio-ideológicas entre presente e passado, entre diferentes épocas do passado, entre diversos grupos sócio-ideológicos, entre correntes, escolas, círculos, etc. Estes “falares” do plurilinguismo entrecruzam-se de maneira multiforme, formando novos “falares” socialmente típicos. (...) todas as linguagens do plurilinguismo, qualquer que seja o princípio básico de seu isolamento, são pontos de vista específicos sobre o mundo, formas da sua interpretação verbal, perspectivas específicas objetais, semânticas e axiológicas.

Uma vez que a linguagem constitui um produto da vida social (cf. VOLOSHINOV e BAKHTIN, 1993), fica claro que qualquer enunciado produzido em um determinado contexto social e histórico não pode deixar de ser participante ativo do diálogo social travado entre os

vários elementos constitutivos de toda comunicação verbal, nem “pode deixar de tocar os milhares de fios dialógicos existentes”, como defende Bakhtin (1993, p. 86). Chegamos, assim, à noção de *dialogismo* sobre a qual me deterei a seguir.

3. Dialogismo

Para Bakhtin (2003, p. 272), cada “enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados”. Em outras palavras, nenhum enunciado do discurso concreto (enunciação) é dito a partir de um ‘zero’ ou de um ‘vácuo’ comunicativo. Ele sempre se encontra em constante diálogo com tudo o que já foi dito acerca de determinado tema, bem como com tudo o que lhe seguir nessa “corrente evolutiva ininterrupta” da comunicação verbal (BAKHTIN E VOLOSHINOV, 2004, p. 90).

Nas palavras do próprio Bakhtin (1993, p. 86),

(...) todo discurso concreto (enunciação) encontra aquele objeto para o qual está voltado sempre, por assim dizer, já desacreditado, contestado, avaliado, envolvido por sua névoa escura ou, pelo contrário, iluminado pelos discursos de outrem que já falaram sobre ele. O objeto está amarrado e penetrado por ideias gerais, por pontos de vista, por apreciações de outros e por entonações. Orientado para o seu objeto, o discurso penetra neste meio dialogicamente perturbado e tenso de discursos de outrem, de julgamentos e de entonações. Ele se entrelaça com eles em interações complexas, fundindo-se com uns, isolando-se de outros, cruzando com terceiros; e tudo isso pode formar substancialmente o discurso, penetrar em todos os seus estratos semânticos, tornar complexa a sua expressão, influenciar todo o seu aspecto estilístico.

O enunciado existente, surgido de maneira significativa num determinado momento social e histórico, não pode deixar de tocar os milhares de fios dialógicos existentes, tecidos pela consciência ideológica em torno de um dado objeto de enunciação, não pode deixar de ser participante ativo do diálogo social. Ele também surge desse diálogo como seu prolongamento, como sua réplica, e não sabe de que lado ele se aproxima desse objeto.

Diante do que foi acima exposto, fica evidente que essa perspectiva bakhtiniana não está restringindo a noção de *diálogo* a tão-somente uma interação direta face a face. Nessa orientação dialógica social, *todo* discurso concreto é constituído a partir dos discursos alheios que lhe antecederam ou lhe sucederão, com os quais trava uma constante e produtiva interação. Tal como esclarece Cunha (2003, p. 168), todo “enunciado é uma resposta a um *já-dito*, seja numa situação imediata, seja num contexto mais amplo”.

Conforme pondera Bakhtin (1993, p. 88), apenas “o Adão mítico que chegou com a primeira palavra num mundo virgem, ainda não desacreditado, somente este Adão podia realmente evitar por completo esta mútua-orientação dialógica do discurso alheio para o

objeto”. Nas enunciações vivas, concretas, do nosso cotidiano, é impossível a produção de um discurso que não dialogue com outros discursos precedentes ou vindouros.

Além disso, em todo diálogo vivo, o discurso sempre se encontra orientado para a sua resposta. Ao se constituir nessa corrente comunicativa ininterrupta, qualquer discurso, partindo do já-dito, se volta para o seu discurso-resposta futuro, para o ainda não-dito. Bakhtin (1993, p. 89) assevera que a “resposta compreensível é a força essencial que participa da formação do discurso e, principalmente, da compreensão *ativa*, percebendo o discurso como oposição ou reforço e enriquecendo-o”. Ressalte-se que, sob o ponto de vista bakhtiniano, toda “compreensão da fala viva, do enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva” (BAKHTIN, 2003, p. 271).

Ou seja, quando o ouvinte constroi sentidos a partir de uma enunciação, concomitantemente assume diante dela um posicionamento responsivo ativo. Pode concordar ou discordar acerca do que foi dito, pode complementar ou interromper o que está sendo falado, pode preparar para usar o discurso de seu interlocutor de forma irônica, lisonjeira, desqualificadora, etc. Em todo caso, a “compreensão da fala viva, do enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva” (BAKHTIN, 2003, p. 271). Bakhtin e Voloshinov (2004, p. 94) enfatizam esse papel fundamental da compreensão na corrente dialógica: “Todo ato de compreensão é uma resposta, na medida em que ele introduz o objeto da compreensão num novo contexto – o contexto potencial da resposta”.

Fiorin (2006) argúi que essas relações dialógicas são estabelecidas dentro de uma tensão de vozes sociais – a voz do enunciado/enunciador e todas as demais vozes advindas dos mais diversos grupos sociais, com seus variados interesses contraditórios. Tais relações, como exemplifica Fiorin (2006, p. 24), podem ser “contratuais ou polêmicas, de divergência ou de convergência, de aceitação ou de recusa, de acordo ou de desacordo, de entendimento ou de desinteligência, de avença ou de desavença, de conciliação ou de luta, de concerto ou de desconcerto”. Aliás, Bakhtin e Voloshinov (2004, p. 66) já haviam atentado para o fato de que, no momento de sua expressão, a palavra se mostra como o produto da interação viva das forças sociais: “(...) cada palavra se apresenta como uma arena em miniatura onde se entrecruzam e lutam os valores sociais de orientação contraditória”.

Essa tensão de vozes sociais dialógicas também é claramente percebida através do embate entre duas tendências opostas da vida verbal: as *forças centrípetas* e as *forças centrífugas* da linguagem, tal como exposto por Bakhtin (1993). Para o filósofo russo, as primeiras constituem as forças da unificação e da centralização das ideologias verbais. As

forças centrípetas sobrepõem o plurilinguismo que compreende o pensamento verbal-ideológico, criando em seu interior um sólido núcleo linguístico da linguagem literária reconhecida oficialmente, defendendo essa língua já formada contra a pressão do plurilinguismo crescente. Por outro lado, ao opor ao plurilinguismo certas barreiras, as forças centrípetas asseguram a compreensão mútua, centralizando-se na unidade real (embora relativa) da linguagem falada habitual e da linguagem literária ‘correta’ (cf. BAKHTIN, 1993, p. 81).

As forças centrífugas da linguagem, por sua vez, são aquelas materializadas numa língua ‘comum’, atuando no meio do plurilinguismo real e constituindo os processos de descentralização e desunificação da língua. São formadas não apenas pelos dialetos linguísticos, mas sobretudo pelas línguas socioideológicas: sociogrupais, profissionais, de gêneros, de gerações, etc. Qualquer enunciação pode ser compreendida, assim, como unidade contraditória e tensa dessas duas forças opostas:

Cada enunciação concreta do sujeito do discurso constitui o ponto de aplicação seja das forças centrípetas, como das centrífugas. Os processos de centralização e descentralização, de unificação e de desunificação cruzam-se nesta enunciação, e ela basta não apenas à língua, como sua encarnação discursiva individualizada, mas também ao plurilinguismo, tornando-se seu participante ativo. Esta participação ativa de cada enunciação define para o plurilinguismo vivo o seu aspecto linguístico e o estilo da enunciação, não em menor grau do que sua pertença ao sistema normativo-centralizante da língua única. Cada enunciação que participa de uma “língua única” (das forças centrípetas e das tendências) pertence também, ao mesmo tempo, ao plurilinguismo social e histórico (às forças centrífugas e estratificadoras). Trata-se da língua do dia, da época, de um grupo social, de um gênero, de uma tendência, etc. (...)

O verdadeiro meio da enunciação, onde ela vive e se forma, é um plurilinguismo dialogizado, anônimo e social como linguagem, mas concreto, saturado de conteúdo e acentuado como enunciação individual. (Bakhtin, 1993, p. 82.)

Organizando didaticamente essa perspectiva dialógica de Bakhtin, Fiorin (2006) propõe três conceitos de dialogismo:

- i) *dialogismo constitutivo*: é o modo de funcionamento real da linguagem, isto é, todos os enunciados constituem-se a partir de outros;
- ii) *concepção estreita de dialogismo*: é a incorporação pelo enunciador da voz ou das vozes de outro(s) no enunciado. Sob esse prisma, o dialogismo é uma forma composicional, a qual insere o discurso do outro no enunciado por duas maneiras: pelo *discurso objetivado* (o discurso alheio é abertamente citado e nitidamente separado do discurso citante: discurso direto e indireto, aspas, negação) e através do *discurso bivocal* (internamente dialogizado, em que não há separação clara entre o

enunciado citante e o citado: discurso indireto livre, polêmica clara e velada, paródia, estilização, estilo);

- iii) *dialogismo como elemento constitutivo do sujeito*: a subjetividade é constituída pelo conjunto de relações sociais de que participa o sujeito. Isto é, o indivíduo constitui-se em relação ao outro. Isso significa, segundo Fiorin (2006, p. 55), que “o dialogismo é o princípio de constituição do indivíduo e o seu princípio de ação”.

Ao longo dessa explanação, fica evidente a importância que a teoria bakhtiniana confere à enunciação, isto é, ao enunciado vivo, real. Afinal, “a língua passa a integrar a vida através de enunciados concretos (que a realizam); é igualmente através de enunciados concretos que a vida entra na língua” (BAKHTIN, 2003, p. 265). Cabe, portanto, discorrermos mais detidamente sobre a natureza do enunciado e, mais particularmente, sobre os gêneros do discurso. Esse é o tema da próxima seção.

4. Gêneros do discurso

A perspectiva bakhtiniana de gêneros do discurso é provavelmente o tema mais lembrado, citado, discutido, adaptado e distorcido dentre as propostas teóricas do pensador russo. Não tenho a pretensão de, neste breve ensaio, abarcar todos os aspectos de um assunto tão complexo e amplamente debatido.³ Pretendo aqui tão-somente lançar luz sobre alguns dos pontos nodais da noção bakhtiniana de gêneros, bem como algumas de suas implicações teórico-metodológicas. Para tanto, inicio essa exposição com a citação clássica sobre a definição de gênero do discurso:

Todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem. Compreende-se perfeitamente que o caráter e as formas desse uso são tão multiformes quanto os campos da atividade humana (...). O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, mas, acima de tudo, por sua construção composicional. Todos esses três elementos – o conteúdo temático, o estilo, a construção composicional – estão indissolivelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação. Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, os quais denominamos *gêneros do discurso*.

³ Para uma discussão mais aprofundada sobre os gêneros, ver, por exemplo, Marcuschi (2000, 2003 e 2005); Bazerman (2005, 2006 e 2007); Meurer, Bonini e Motta-Roth (2005); Meurer e Motta-Roth (2002); Machado e Mello (2004); entre outros – apenas para citar alguns trabalhos em língua portuguesa que, direta ou indiretamente, lançam mão da perspectiva bakhtiniana para a discussão e construção de seus modelos teóricos.

A riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana. (BAKHTIN, 2003, p. 261-262).

Aliás, vale ressaltar que, nessa perspectiva bakhtiniana, os gêneros não são meros entes formais, mas “entidades sociodiscursivas e formas de ação social incontornáveis em qualquer situação comunicativa” (MARCUSCHI, 2003, p. 19). Note-se também que, em uma perspectiva enunciativa, os gêneros se definem sobretudo pelos seus critérios não-linguísticos (“as condições específicas e as finalidades de cada uma das esferas da atividade humana, o conteúdo temático, o estilo de língua e a construção composicional”, cf. CUNHA, 2003, p. 169), e não por suas propriedades estruturais. Afinal, conforme observa Bazerman (2005, p. 31), restringir a noção de gênero a um conjunto de traços textuais é ignorar não só o papel dos indivíduos na construção dos sentidos, mas também as diferenças de compreensão entre os falantes, o uso criativo para atender a novas demandas comunicativas e a própria mudança na maneira como o gênero é percebido ao longo do tempo.

Os estudos do Círculo de Bakhtin já atentavam para esse aspecto dinâmico e não-formal dos gêneros. Medvedev (1928 *apud* FARACO, 2003, p. 115), por exemplo, criticava os formalistas russos por definirem gênero como “um certo conjunto específico e constante de dispositivos com uma dominante definida”⁴. Para os membros do Círculo, os formalistas foram incapazes de perceber o significado real do gênero, pois este só pode ser apreendido se correlacionado às diversas esferas da atividade e comunicação humanas, em situações concretas de interação, dentro de determinado contexto social e histórico: “apenas se pode falar de tipos específicos de realização de gêneros da linguagem cotidiana onde existam formas de intercâmbio comunicativo cotidiano” (VOLOSHINOV, 1993, p. 248).

Assim, apesar de os gêneros mais estabilizados serem ‘reconhecidos’ por seus aspectos linguístico-textuais, não é a forma em si que ‘cria’ e define o gênero; antes, os gêneros consistem em modos sociais de agir e de dizer. Construídos sócio-historicamente, os gêneros organizam a interação, constituindo-se como elementos fundamentais para a produção e compreensão dos enunciados. Nesse sentido é que, para Bakhtin (2003, p. 262), os gêneros são “*tipos relativamente estáveis* de enunciados” – enunciados estes “de natureza histórica, sócio-interacional, ideológica e linguística” (MARCUSCHI, 2005, p. 17), que refletem as condições específicas e as finalidades de cada uma das esferas da atividade

⁴ A noção de *dominante definida* foi apresentada por Roman Jakobson, em um famoso artigo intitulado “A dominante” (*Questions de poétique*, 1973, citado por FERRARA, 2004:33). Segundo o linguista, todo texto é organizado a partir de uma *dominante*, o que lhe confere coesão estrutural e hierarquiza os demais constituintes, a partir de sua própria influência sobre eles. A dominante é um “índice”, tal como todos os demais elementos do texto; mas é ela quem “governa, determina e transforma” os outros.

humana. E mais: os gêneros estão sempre se atualizando, em um movimento contínuo entre o dado e o criado: “o gênero é e não é ao mesmo tempo, sempre é novo e velho ao mesmo tempo” (BAKHTIN, 1997, p. 106).

Essa abordagem bakhtiniana influenciou os pressupostos da teoria de gênero como ação social tal como compreendida pelas chamadas abordagens sociorretóricas. Mencionarei brevemente aqui apenas três dos mais importantes estudiosos de gêneros da atualidade que receberam influência direta das ideias do Círculo de Bakhtin para evidenciar a importância do pensamento bakhtiniano hoje em dia.

Em primeiro lugar, Miller (1994, p. 24), tal como Bakhtin, defende que uma definição teoricamente consistente de gênero deve estar centrada não na substância ou na forma do discurso, mas na ação em que ele é usado para atuar. De fato, funciona como resposta a situações retóricas recorrentes, definidas socialmente, podendo ser “tipificadas” a partir de analogias e semelhanças relevantes. Os gêneros constituem, então, “ações retóricas recorrentes” ou “artefatos culturais”, e não meras formas similares das quais os falantes ‘lançariam mão’ mecanicamente nos eventos comunicativos. Para a autora, “compreender os gêneros socialmente pode nos ajudar a explicar como encontramos, interpretamos, reagimos a e criamos certos textos” (MILLER, 1994a, p. 151).

Também adotando posicionamento semelhante, Bazerman (1994) enfatiza a importância da observação das regularidades nas propriedades das situações recorrentes (“rotinas sociais do dia-a-dia”), que dão origem a recorrências na forma e no conteúdo do ato de comunicação entre os usuários: “um gênero existe apenas na medida em que seus usuários o reconhecem e o distinguem” (BAZERMAN, 1994, p. 81). Segundo o estudioso, a noção de gênero está ligada a uma “tipificação” sociocognitiva dos enunciados que apresentam certos traços regulares comuns, os quais se constituíram historicamente nas atividades humanas, em determinadas circunstâncias, viabilizando a interação entre os falantes: “As formas de comunicação reconhecíveis e auto-reforçadoras emergem como *gêneros*. [...] A tipificação dá uma certa forma e significado às circunstâncias e direciona os tipos de ação que acontecerão” (BAZERMAN, 2005, p. 29).

Marcuschi (2005, p. 18) também defende uma concepção bakhtiniana não-formalista de gêneros, uma vez que “as teorias de gênero que privilegiam a forma ou a estrutura estão hoje em crise, tendo-se em vista que o gênero é essencialmente flexível e variável”. E mais: “hoje, a tendência é observar os gêneros pelo seu lado dinâmico, processual, social, interativo, cognitivo, evitando a classificação e a postura estrutural” (MARCUSCHI, 2005, p. 18). Esse

aspecto também é salientado por Fix (1997 *apud* MARCUSCHI, 2003, p. 31), ao analisar a “intertextualidade intergêneros”, ou seja, a mescla de gêneros em que um gênero assume a função de outro – o que Marcuschi (2003) denomina “intergeneracidade”. E que nada mais é do que uma clara manifestação do plurilinguismo bakhtiniano, ao lado de outras unidades básicas de composição com a ajuda das quais esse plurilinguismo se introduz no gênero romanesco (objeto de estudo de Bakhtin): o discurso do autor, os discursos dos narradores, os gêneros intercalados, os discursos das personagens (cf. BAKHTIN, 1993).

Retomando a perspectiva bakhtiniana propriamente dita, para compreendermos melhor a noção de *gêneros* é importante observar como eles são definidos em outros trabalhos produzidos pelo Círculo de Bakhtin – além da citação clássica transcrita no início desta seção. Primeiramente, em *O Discurso no Romance*, Bakhtin (1993, p. 96) afirma:

A língua, enquanto meio vivo e concreto onde vive a consciência do artista da palavra, nunca é única. Ela é única somente como sistema gramatical abstrato de formas normativas, abstraída das percepções ideológicas concretas que a preenche e da contínua evolução histórica da linguagem viva. A vida social viva e a evolução histórica criam, nos limites de uma língua nacional abstratamente única, uma pluralidade de mundos concretos, de perspectivas literárias, ideológicas e sociais, fechadas. (...)

A própria língua literária oral e escrita é estratificada e plurilíngue no seu aspecto concreto, objetivamente semântico e expressivo.

Esta estratificação é determinada, antes de tudo, pelos organismos específicos dos *gêneros*. Estes ou aqueles elementos da língua (lexicológicos, semânticos, sintáticos, etc.) estão estreitamente unidos com a orientação intencional e com o sistema geral de acentuação destes ou daqueles gêneros: oratórios, publicitários, gêneros de imprensa, gêneros jornalísticos, gêneros de literatura inferior e os da grande literatura. Estes ou outros elementos da língua adquirem o perfume específico dos gêneros dados: eles se adaptam aos pontos de vista específicos, às atitudes, às formas de pensamento, às nuances e às entonações desses gêneros.

Observe-se nesse excerto a importância da noção de *acentuação* (ou *entonação*) conferida a este ou aquele gênero em enunciações concretas. De acordo com Voloshinov e Bakhtin (1981), os elementos fundamentais que organizam a forma do enunciado são a entonação (o timbre expressivo da palavra), seguida da escolha lexical e, finalmente, sua disposição no interior do enunciado como um todo. Uma única palavra pode apresentar, portanto, diferentes significações de acordo com a entonação que lhe é dada. Dessa forma, a entonação constitui de fato a expressão fônica da avaliação axiológica social.

Ainda consoante Voloshinov e Bakhtin (1976), a entonação estabelece um firme elo entre o discurso verbal e o contexto extraverbal. Para os estudiosos russos, ela só pode ser percebida quando estamos em contato com os julgamentos de valor do grupo social. A

entonação viva, genuína – isto é, determinada pelo contexto – é particularmente sensível às oscilações da atmosfera social que envolve o falante e transporta o discurso verbal para além das fronteiras do verbal. Além disso, conforme constatam Voloshinov e Bakhtin (1976), a entonação na fala concreta é muito mais metafórica do que as palavras usadas. Essa ‘metáfora entonacional’ revela-se um importante fenômeno da criatividade da linguagem, na medida em que a entonação concreta de um enunciado faz a palavra soar como se ela estivesse realizando uma aprovação, uma reprovação, uma concordância, etc.

Ainda no que diz respeito ao conceito de *gêneros*, outra passagem bastante mencionada pode ser encontrada em *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (BAKHTIN E VOLOSHINOV, 2004, p. 43), em que os autores discorrem sobre os “gêneros linguísticos”:

(...) cada época e cada grupo social têm seu repertório de formas de discurso na comunicação sócio-ideológica. A cada grupo de formas pertencentes ao mesmo gênero, isto é, a cada forma de discurso social, corresponde um grupo de temas. Entre as formas de comunicação (...), a forma de enunciação (...) e o tema, existe uma unidade orgânica que nada poderia destruir. *Eis porque a classificação das formas de enunciação deve apoiar-se sobre uma classificação das formas da comunicação verbal*. Estas últimas são inteiramente determinadas pelas relações de produção e pela estrutura sociopolítica. (Grifos do autor)

Um dos aspectos da citação acima recai justamente sobre a questão da “forma de enunciação”. Como é possível definir um enunciado? Como distingui-lo da “oração” – unidade da língua estudada pela gramática, que consiste em uma noção estanque, isolada e descontextualizada? Bakhtin (2003, p. 279 e ss.) relaciona uma série de “peculiaridades constitutivas do enunciado”, abaixo resumidas.

A primeira peculiaridade constitutiva do enunciado como unidade da comunicação discursiva (distinguindo-o da ‘unidade da língua’ referente à oração) é a seguinte: a alternância dos sujeitos do discurso determina os *limites* do enunciado. Os limites de cada enunciado concreto como unidade da comunicação discursiva são definidos pela *alternância dos sujeitos do discurso*, ou seja, pela alternância dos falantes. Todo enunciado possui um princípio absoluto e um fim absoluto: antes do seu início, os enunciados dos outros; depois do seu término, os enunciados responsivos dos outros. O enunciado não constitui uma unidade convencional, mas uma unidade real, delimitada precisamente da alternância dos sujeitos do discurso, a qual termina com a transmissão da palavra ao outro. Observamos essa alternância dos sujeitos do discurso de modo mais evidente no *diálogo* real, em que se alternam as enunciações dos interlocutores (parceiros do diálogo), denominadas réplicas. Mas também constatamos os limites do enunciado em *obras complexas* da comunicação cultural (científica

e artística). Ao conservarem a sua precisão externa, essas obras adquirem um caráter interno devido ao fato de o sujeito do discurso (i.e., o *autor* de uma obra) revelar nelas a sua individualidade no estilo, na visão de mundo, em todos os elementos da ideia de sua obra, criando assim os princípios interiores específicos que a separam de outras obras a ela vinculadas no processo de comunicação discursiva de um campo cultural.

A segunda peculiaridade constitutiva do enunciado como unidade da comunicação discursiva refere-se à *conclusibilidade* específica do enunciado. A conclusibilidade do enunciado é, na verdade, um tipo de aspecto interno da alternância dos sujeitos do discurso. Tal alternância pode ocorrer exatamente porque o falante disse *tudo* o que quis dizer em dado momento. Essa inteireza acabada do enunciado, capaz de assegurar a possibilidade de resposta (ou de compreensão responsiva), é determinada por três fatores, intimamente ligados no todo orgânico do enunciado: *i*) a exauribilidade do objeto e do sentido; *ii*) o projeto de discurso ou vontade de discurso do falante; *iii*) as formas típicas composicionais e de gênero do acabamento.

A terceira peculiaridade constitutiva do enunciado como unidade da comunicação discursiva diz respeito à relação do enunciado com o próprio falante (autor do enunciado) e com outros participantes da comunicação discursiva. As peculiaridades estilístico-composicionais do enunciado se dão em dois momentos: *i*) a escolha dos meios linguísticos e dos gêneros é determinada, antes de tudo, pelas tarefas (pela ideia) do sujeito do discurso centradas no objeto e no sentido; *ii*) o elemento *expressivo* diz respeito à relação subjetiva emocionalmente valorativa do falante com o conteúdo do objeto e do sentido do seu enunciado – um enunciado absolutamente neutro é impossível.

A quarta peculiaridade constitutiva do enunciado como unidade da comunicação discursiva é a *entonação expressiva*, anteriormente já comentada. Um dos meios de expressão da relação axiológica do falante com o objeto da sua fala é a entonação expressiva, que soa precisamente na execução oral. No sistema da língua, ou seja, fora do enunciado, a entonação não existe. Os gêneros do discurso se prestam facilmente a uma reacentuação (o lúgubre pode se tornar jocoso-alegre). Tal como discutido acima, o nosso discurso, ou seja, todos os nossos enunciados encontram-se repletos de palavras dos outros, de um variado grau de alteridade, de assimilabilidade, de perceptibilidade e de relevância. Essas palavras alheias trazem consigo a sua expressão, o seu tom valorativo por nós assimilado, reelaborado e reacentuado.

Finalmente, a quinta peculiaridade constitutiva do enunciado como unidade da comunicação discursiva é relativa ao seu *direcionamento* a alguém, ao seu *endereçamento*.

Todo enunciado, além do seu objeto, responde (*lato sensu*) de uma forma ou de outra a enunciados de outro que o antecederam. O enunciado não está, portanto, voltado só para o seu objeto, mas também para os discursos do outro sobre ele. Como vimos, o enunciado enquanto elo na cadeia da comunicação discursiva ininterrupta não está ligado apenas aos elos precedentes, mas também aos subseqüentes da comunicação discursiva. Desde o início de sua enunciação, o falante espera uma compreensão ativa responsiva de seus ouvintes, uma vez que estes constituem participantes ativos na comunicação discursiva. É como se todo enunciado se orientasse em direção a essa resposta do destinatário. Vale ressaltar ainda que cada gênero do discurso em cada campo da comunicação discursiva possui a sua concepção típica de destinatário que o determina como gênero. Assim, ao produzir um enunciado, tentamos defini-lo de forma ativa; por outro lado, procuramos antecipá-lo, e essa resposta antecipada exerce, por sua vez, uma ativa influência sobre o meu enunciado. A escolha de todos os recursos linguísticos e entonacionais é realizada, dessa maneira, pelo falante sob maior ou menos influência do destinatário e da sua resposta antecipada.

5. Enunciações finais

Escrever um ensaio que pretende abarcar os principais temas com os quais lidaram Bakhtin e os participantes de seu Círculo é uma tarefa gratificante, mas muitas vezes árdua.

Por um lado, como afirma Brait (2006, p. 9), é impossível negar que “o pensamento bakhtiniano representa, hoje, uma das maiores contribuições para os estudos da linguagem, observada tanto em manifestações artísticas como na diversidade de sua riqueza cotidiana”. Dessa forma, tentar compreender um pouco mais as diversas matizes da teoria bakhtiniana constitui um desafio recompensador para qualquer um que se propõe a se aventurar sobre o fenômeno linguístico.

Por outro lado, contudo, as diversas dificuldades de leitura dos textos do Círculo de Bakhtin – apontadas por Fiorin (2006) e já mencionadas no início deste trabalho – podem servir de desestímulo a mentes acostumadas com modelos teóricos para ‘pronto consumo’, e menos afeitas a reflexões mais elaboradas. Afinal, ainda segundo Brait (2006, p. 9), os membros do Círculo jamais postularam “um conjunto de preceitos sistematicamente organizados para funcionar como perspectiva teórico-analítica fechada”.

O que para uns serve de pretexto para uma desistência prematura, para outros funciona como mais um incentivo para tentar desvendar os incontáveis fios dialógicos que permeiam o pensamento bakhtiniano.

Referências Bibliográficas

BAKHTIN, Mikhail M. O discurso no romance. In: _____. *Questões de estética e literatura: a teoria do romance*. São Paulo: Hucitec/UNESP, 1993. p. 71-210.

_____. Os gêneros do discurso. In: _____. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 261-306.

_____. *Problemas da poética de Dostoiévski*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense, 1997.

BAKHTIN, Mikhail M.; DUVAKIN, V. *Mikhail Bakhtin em diálogo: conversas de 1973 com Viktor Dukavin*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2008.

BAKHTIN, Mikhail M.; VOLOSHINOV, V. N. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico nas ciências da linguagem*. 11.ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

BAZERMAN, Charles. *Escrita, gênero e interação social*. São Paulo, Cortez: 2007.

_____. *Gênero, agência e escrita*. São Paulo: Cortez, 2006.

_____. *Gêneros textuais, tipificação e interação*. São Paulo: Cortez, 2005.

_____. Systems of genres and the enactment of social intentions. In: FREEDMAN, A.; MEDWAY, P. (eds.). *Genre and the new rhetoric*. London/Bristol: Taylor & Francis, 1994. p. 79-101.

BRAIT, Beth. Análise e teoria do discurso. In: _____ (org.). *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 9-31.

CLARK, Katerina; HOLQUIST, Michael. *Mikhail Bakhtin*. São Paulo: Perspectiva, 2004.

CUNHA, Dóris de A. da C. A estilística da enunciação para o estudo da prosa literária no ensino médio. In: BUNZEN, C.; MENDONÇA, M. (orgs.). *Português no ensino médio e formação do professor*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 117-138.

_____. A linguística da enunciação e o ensino de língua portuguesa no Brasil. *Revista do Gelne*, v. 1, n. 1, 1999, p. 45-48.

_____. Bakhtin e a linguística atual: interlocuções. In: BRAIT, B. (org.). *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*. Campinas: Unicamp, 1997. p. 303-310.

_____. Circulação, reacentuação e memória no discurso da imprensa. *Bakhtiniana*, v. 1, n. 2, p. 23-39, 2º sem. 2009.

_____. O funcionamento dialógico em notícias e artigos de opinião. In: DIONISIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (orgs.). *Gêneros textuais e ensino*. 2.ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003. p. 166-179.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguagem & diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin*. Curitiba: Criar, 2003.

FERRARA, Lucrecia D. *Leitura sem palavras*. 4. ed. São Paulo: Ática, 2004.

FIORIN, José Luiz. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática, 2006.

MACHADO, Ida Lúcia; MELLO, Renato de. (orgs.). *Gêneros: reflexões em análise do discurso*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2004.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. In:

KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (orgs.). *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. Palmas e União da Vitória (PR): Kaygangue, 2005. p. 17-33.

_____. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (orgs.). *Gêneros textuais e ensino*. 2.ed. Rio de Janeiro: Lucerna. 2003. p. 19-36.

_____. *Gêneros textuais: o que são e como se constituem*. Recife: UFPE, 2000. (mimeo.)
MEURER, José Luiz; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Désirée. (orgs.). *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

MEURER, José Luiz; MOTTA-ROTH, Désirée. (orgs.). *Gêneros textuais e práticas discursivas: subsídios para o ensino da linguagem*. Bauru: EDUSC, 2002.

MILLER, Carolyn. Genre as social action. In: FREEDMAN, A.; MEDWAY, P. (eds.). *Genre and the new rhetoric*. London/Bristol: Taylor & Francis, 1994. p. 23-42.

_____. Rhetorical Community: the Cultural Basis of Genre. In: FREEDMAN, A.; MEDWAY, P. (eds.). *Genre and the new rhetoric*. London/Bristol: Taylor & Francis, 1994a. p. 67-78.

PONZIO, Augusto. O símbolo e o encontro com o outro na obra de Bakhtin (Prefácio). In: BAKHTIN, M.; DUVAKIN, V. 2008. *Mikhail Bakhtin em diálogo: conversas de 1973 com Viktor Dukavin*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2008. p. 9-20.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart; SACRAMENTO, Igor. Mikhail Bakhtin e os estudos da comunicação. In: _____. (orgs.). *Mikhail Bakhtin: linguagem, cultura e mídia*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010. p. 9-34.

VOLOSHINOV, V. N. La construcción de la enunciación. In: SILVESTRI, A.; BLANCK, G. *Bajtín y Vigotski: la organización semiótica de la conciencia*. Barcelona: Anthropos, 1993. p. 245-276.

VOLOSHINOV, V. N.; BAKHTIN, Mikhail M. ¿Qué es el lenguaje? In: SILVESTRI, A.; BLANCK, G. *Bajtín y Vigotski: la organización semiótica de la conciencia*. Barcelona: Anthropos, 1993. p. 217-279.

_____; _____. Discourse in life and discourse in art: concerning sociological poetics. [Discurso na vida e discurso na arte: sobre poética sociológica.] (Trad. para uso didático de Carlos Alberto Faraco e Cristóvão Tezza.) In: _____. *Freudianism: a critical sketch*. (Trad. I. R. Titunik). Bloomington: Indiana UP, 1976. p. 93-116.

_____; _____. Le structure de l'énoncé [A estrutura do enunciado]. (Trad. para uso didático de Ana Vaz.) In: TODOROV, T. *Mikhail Bakhtine: le principe dialogique suivi de Écrits du cercle de Bakhtine*. Paris: Seuil, 1981. p. 287-316.